



## ÁRVORE DO DINHEIRO

Na infância quando pedia alguma coisa a meu pai que ele não poderia me dar naquele momento, escutava “filho, dinheiro não da em arvore”. Não fazia muito sentido para um garoto de seis, sete anos, mas acabava concordando, afinal era melhor concordar que levar uma bronca por insistência.

Apesar de não ser muito velho, as coisas hoje são um tanto diferentes, e os vinte e sete últimos anos foram de profundas mudanças em diversos seguimentos, mas uma coisa continua igual “dinheiro não da em arvore”. Árvore, árvore mesmo de galhos e folhas verdes que balançam com o vento, isso nunca aconteceu. Mas não posso mentir que da mesma forma que acreditava em papai Noel na infância, também desejava muito ter uma árvore cheia de folhas de dinheiro. Pois a minha imaginação me levava a uma árvore onde as folhas ao crescerem se transformavam em cédulas de dinheiro, e ao sentir vontade de comprar um brinquedo ou um sorvete era só arrancar umas folhas e tudo estava resolvido. Coisas da imaginação de uma criança.

Mas hoje não, hoje vou contar-lhes a moderna fábula da árvore de dinheiro:

*“... a árvore do dinheiro de hoje surgiu com propósito desonroso, sujo, não é fábula é de ferro, de interesses particulares de enriquecimento à custa de uma população que já vive presa as garras de impostos cada vez mais vorazes, sem a magia e o encantamento daquela fábula que o pai contava a criança, para justificar a falta de dinheiro naquele momento, a árvore de hoje não possui galhos nem folhas, são hastes negras sem vida, com o único propósito de fotografar para depois surrupiar as economias dos transeuntes. Tenho apenas um sentimento para com essas pessoas que criaram esse tipo de artifício ardiloso de roubar dinheiro de forma legalizada, “nojo”, gente que sequer sabe o que é moral, pessoas que em nome do dinheiro fácil se esquecem do que é ter respeito. Essas árvores de hoje são ocas, vazias, sem vida, sem sombra, sem frutos. Árvores que assim como seus idealizadores merecem nada mais além de apodrecerem e morrerem...”*

Márcio Prudêncio

20.11.2010